

O discurso surdo no YouTube: uma análise da semiótica greimasiana do vídeo “Por que sou surdo?”

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v54i2.3808>

Isis Tatiane Lima Alves¹

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar o discurso do Surdo *influencer* Gabriel Isaac, e compreender como esse sujeito apresenta e reproduz os artefatos culturais surdos nas suas redes sociais. A pesquisa justifica-se pela necessidade de visibilizar a cultura e identidade surda nas redes sociais, espaços em que sujeitos como Gabriel Isaac promovem discursos de resistência, compreender essas práticas contribui para os estudos sobre representatividade, bilinguismo e inclusão sociocultural. O norte teórico metodológico da pesquisa é a semiótica greimasiana (Greimas; Courtés, 1979), dela, empregou-se o modelo conhecido como percurso gerativo do sentido. O vídeo apresentado é “Por que sou surdo?” e contém artefatos como o bilinguismo, condições de surdez no meio familiar surdo, entre outros temas. A análise traça uma reflexão sobre o mundo surdo e o ouvinte e a relação entre eles. A pesquisa também tem como pano de fundo para suas reflexões conceitos de autores como: Strobel (2008), Perlin (2016), Pinheiros (2013), que tem foco na cultura, identidades, lutas e militâncias surdas fora e dentro das redes sociais.

Palavras-chave: Youtuber Surdo; artefatos culturais; identidade surda; cultura surda.

¹ Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil; isistatianealves@gmail.com; <https://orcid.org/0009-0001-5693-7308>

Deaf discourse on YouTube: A Greimassian semiotic analysis of the video “Why am I deaf?”

Abstract

This study aims to analyze the discourse of Deaf influencer Gabriel Isaac and to understand how he presents and reproduces Deaf cultural artifacts on his social media platforms. The research is justified by the need to provide visibility to Deaf culture and identity in digital spaces, where individuals like Isaac promote discourses of resistance. Understanding these practices contributes to studies on representation, bilingualism, and sociocultural inclusion. The theoretical and methodological framework is based on Greimassian semiotics (Greimas; Courtés, 1979), using the generative trajectory of meaning model. The analyzed video, titled “Por que sou surdo?” (Why am I deaf?), addresses elements such as bilingualism and Deaf family experiences, among other themes. The analysis fosters a reflection on the deaf world, the hearing world, and their interactions. This research is also supported by concepts from authors such as Strobel (2008), Perlin (2016), and Pinheiros (2013), who focus on culture, identities, and Deaf mobilization and activism within and beyond social media spaces.

Keywords: Deaf Youtuber; Cultural artifacts; Deaf identity; Deaf culture.

Introdução

Este trabalho é um recorte, fruto de uma dissertação que busca compreender como os *influencers* surdos reproduzem e apresentam seus artefatos culturais nos vídeos de YouTube, definindo artefatos como objetos ou materiais gerados por grupos culturais, que representam toda uma experiência cultural de uma comunidade (Strobel, 2008). O trabalho também entende a cultura surda como comportamento reproduzido e compartilhado entre surdos, seja nas escolas ou associações, onde há encontro surdo-surdo, há manifestação da cultura surda (Perlin; Strobel, 2014).

A metodologia de análise do vídeo foi a semiótica greimasiana, em especial no percurso gerativo de sentido, que permite compreender como os significados se estruturam em um texto. Esse percurso é composto por três níveis:

- Nível fundamental, onde se localiza a oposição semântica profunda que organiza o sentido (por exemplo: exclusão/inclusão; silêncio/voz);
- Nível narrativo, onde os sujeitos e objetos se relacionam por meio de transformações de estado (conjunção/disjunção), e onde se estrutura o esquema narrativo canônico (manipulação → competência → performance → sanção);

- Nível discursivo, o mais concreto, onde os temas e figuras aparecem, ancorados em espaços, tempos, atores e formas sensíveis.

Como mencionado, este trabalho teve como objetivo analisar os discursos de youtubers surdos, a fim de identificar como esses influenciadores apresentam, representam e reproduzem sua cultura em seus discursos virtuais. Nesse vídeo específico iremos encontrar alguns artefatos culturais como: o bilinguismo (artefato linguístico), e o meio familiar surdo. Outros destaques importantes do texto, mas não necessariamente artefatos, são a identidade surda e o ensino de línguas, que podem se encaixar no tema do bilinguismo.

Propomos analisar o texto verbal do vídeo: “Por que sou surdo?” do canal do Gabriel Isaac, nomeado Isflocos, publicado no canal no dia 6 de novembro de 2020 e teve cerca de 98 mil visualizações até outubro de 2025. O vídeo é narrado na Língua Brasileira de Sinais, legendado em língua portuguesa e também contém áudio em língua portuguesa. Primeiramente vamos ao texto:

Vídeo – “Por que sou SURDO?”.

Canal: Isflocos.

Autor: Gabriel Isaac.

[O vídeo começa com Gabriel se ajeitando para as câmeras e sinalizando que tem que estar bonitinho para a gravação. Em seguida, ele começa a sua narração].

Então, por que sou surdo?

Como você ficou surdo?

Foi doença?

Sua mãe e seu pai sabem o que aconteceu?

[Várias vozes fazem perguntas parecidas com essas].

Sempre fazem várias perguntas sobre isso, e algumas pessoas até têm medo de perguntar, mas percebi que nunca falei sobre isso aqui. Então agora é a hora de falar. Eu não sou o único surdo da família, sou o terceiro, mas quem são os outros dois? Além de mim, tem minha mãe e meu pai também. ‘Ahn?’ Como assim? Parece que é de família, né? Mas não. Meu pai ficou surdo porque minha avó teve rubéola na gravidez, que deixou ele surdo, e a minha mãe, com dois... três anos de idade, morava no interior que era muito, muito frio, aí teve uma infecção nos ouvidos que quando sarou perdeu a audição.

Os dois se conheceram convivendo na comunidade surda e depois de um tempo eu nasci. Quando tinha seis meses, eu tive uma infecção grave nos rins, isso fazia

2 Assista o vídeo no *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=JD1P9HiWUa4>. Acesso em: 08 out. 2025.

doer muito, me levaram no médico e me trataram com muitos medicamentos e quando a infecção passou eu acabei ficando surdo. E só descobriram quando eu já tinha aproximadamente um ano e meio de idade.

Antigamente, minha mãe vivia tentando oralizar, porque naquela época era meio proibido sinalizar e todo mundo era obrigado a oralizar. A minha mãe só começou a adquirir Libras com quinze anos, foi nesse momento que ela começou a conhecer o mundo de verdade e a aprender o significado das coisas, conhecer as palavras através dos sinais, e antes disso ela cresceu sem conhecer nada dessas coisas. Quando ela aprendeu Libras, foi muito natural, foi a primeira língua. Ela dizia: 'Se meu filho for surdo, eu não quero que ele sofra as mesmas dificuldades que eu'. Então ela usava estratégias para me ensinar e incentivar. Conforme o tempo foi passando e eu crescendo, minha primeira língua foi a Língua Brasileira de Sinais, ela já faz parte de mim desde sempre.

Às vezes, quando me perguntam onde eu aprendi a sinalizar, brinco e digo que foi dentro da barriga da minha mãe. 'Como assim, menino?' Eu ficava olhando pelo umbigo dela, ela conversando em Libras com as pessoas, por isso eu já nasci sinalizando. [Nesse momento o vídeo tem um recorte com Isaac pequeno sinalizando 'MAÇÃ', 'LIMÃO', e também um recorte com a mãe dele sinalizando e agradecendo o aniversário de 5 anos].

A Libras virou minha língua materna, mas minha mãe continuou usando de estratégias para eu aprender Libras e português junto. Ela escrevia o nome nas coisas e nos móveis e me perguntava: 'Qual o sinal disso?', 'E qual o nome disso?'. E eu respondia, e assim ela me incentivava a ser bilíngue nas duas línguas.

Existe o mundo dos surdos e o mundo dos ouvintes, isso quer dizer que eu, aprendendo a língua portuguesa, consigo entrar no mundo dos ouvintes e na sociedade em geral, que é bem grande. E com a língua de sinais, que é minha primeira língua, eu posso me comunicar com a comunidade surda, minha língua natural. Eu sou usuário de aparelho auditivo, sou oralizado e sinalizante. Se você quer conhecer mais sobre esse mundo sem sons e das línguas de sinais, quer conhecer mais e interagir com a comunidade surda, seja bem-vindo ao canal Isflocos, aqui a gente trabalha com vários temas da comunidade surda, a gente fala sobre história, as lutas, sobre Libras e várias outras coisas, espalhando mais respeito, mais amor e mais união.

Aqui vai uma dica para vocês, esse foi o primeiro vídeo que postei no canal. Eu tinha doze anos de idade, foi quando eu comecei a entender as barreiras na sociedade. Assistam para conhecer mais, tá bom? (Por que sou [...], 2020, 4 min 21 s.)

Introduzindo os temas

Iniciaremos essa análise observando como o texto está repleto de sequências narrativas, que se encaixam para tentar alcançar o objetivo do manipulador. O texto entrega duas grandes narrativas em momentos temporais diferentes, uma mais atual e outra no passado. Destacam-se inicialmente os trechos que situam o presente da narrativa:

Sempre fazem várias perguntas sobre isso, e algumas pessoas até têm medo de perguntar, mas percebi que nunca falei sobre isso aqui. **Então agora é a hora de falar [...]**. (Por que sou [...], 2020, 0 min 18 s, grifo próprio).

Existe o mundo dos surdos e o mundo dos ouvintes, isso quer dizer que eu, aprendendo a língua portuguesa, consigo entrar no mundo dos ouvintes e na sociedade em geral, que é bem grande. E com a língua de sinais, que é minha primeira língua, eu posso me comunicar com a comunidade surda, minha língua natural. **Eu sou usuário de aparelho auditivo, sou oralizado e sinalizante.** Se você quer conhecer mais sobre esse mundo sem sons e das línguas de sinais, quer conhecer mais e interagir com a comunidade surda, seja bem-vindo ao canal Isflocos, aqui a gente trabalha com vários temas da comunidade surda, a gente fala sobre história, as lutas, sobre Libras e várias outras coisas, espalhando mais respeito, mais amor e mais união (Por que sou [...], 2020, 3 min 15 s, grifo próprio).

A segunda narrativa é no passado (pretérito) e narra fatos e acontecimentos da família do enunciador, como seus pais ficaram surdos, se conheceram e o educaram:

Eu não sou o único surdo da família, sou o terceiro, mas quem são os outros dois? Além de mim, tem minha mãe e meu pai também. 'Ahn?' Como assim? Parece que é de família, né? Mas não. Meu pai ficou surdo **porque minha avó teve rubéola na gravidez**, que deixou ele surdo, e a minha mãe, com dois... três anos de idade, morava no interior que era muito, muito frio, **aí teve uma infecção nos ouvidos que, quando sarou, perdeu a audição.** (Por que sou [...], 2020, 0 min 30 s, grifo próprio).

[...] **Antigamente**, minha mãe **vivia tentando** oralizar, porque **naquela época** era meio proibido sinalizar e todo mundo era obrigado a oralizar. A minha mãe só começou a adquirir Libras com quinze anos, **foi nesse momento** que ela começou a conhecer o mundo de verdade e a aprender o significado das coisas, conhecer as palavras através dos sinais, e **antes disso** ela cresceu sem conhecer nada dessas coisas. **Quando ela aprendeu** Libras, foi muito natural, foi a primeira língua. **Ela dizia:** 'Se meu filho for surdo, eu não quero que ele sofra as mesmas dificuldades que eu'. Então ela **usava** estratégias para me ensinar e incentivar, conforme o

tempo foi passando e eu crescendo, minha primeira língua foi a Língua Brasileira de Sinais, ela já faz parte de mim desde sempre. Às vezes, quando me perguntam onde eu aprendi a sinalizar, brinco e digo que foi dentro da barriga da minha mãe. ‘Como assim, menino?’ **Eu ficava olhando** pelo umbigo dela, ela conversando em Libras com as pessoas, por isso eu já nasci sinalizando (Por que sou [...], 2020, 1 min 28 s, grifo próprio).

Podemos perceber que o texto de Gabriel Isaac é recheado de figuras (nível discursivo) que fazem parte da comunidade surda, e como citado, o texto é carregado de esquemas narrativos. Começaremos destacando um primeiro destinador-manipulador que é figurativizado pelas vozes iniciais do vídeo, ou seja, há uma manipulação (perguntas externas) que despertam o desejo do enunciador Gabriel a querer-fazer o vídeo em questão, vamos chamá-los de “influências do Gabriel”. Essas “vozes” representam muitas pessoas com curiosidade sobre o porquê da surdez do Gabriel, se ele nasceu surdo, como ele ficou surdo, o que podemos destacar nos trechos: “Como você ficou surdo?; foi doença?; sua mãe e seu pai sabem o que aconteceu?” Por que sou [...], 2020, 0 min 7 s).

De um certo ponto de vista, no chamado “nível narrativo” da semiótica discursiva, podemos considerar Gabriel um sujeito (o destinatário das “vozes”). Ele está em conjunção com o objeto valor “experiência de vida” e “identidade surda”, ou seja, ele sabe, pode e quer transmitir **competências** aos seus seguidores, sobre as curiosidades da cultura surda, informando a eles sobre os artefatos culturais que o cercam, como as causas da surdez. Esses artefatos tematizam o texto no nível discursivo. No Quadro 1 estão dispostos os temas, os trechos e as figuras destacadas em negrito, antes de aprofundarmos cada parte.

Quadro 1. Temas do vídeo “Por que sou surdo”

Tema	Trechos / Figuras
Família surda	“[...] não sou único surdo da família [...]” “Além de mim, tem minha mãe e meu pai também.” “Parece que é de família, né?” “Meu pai ficou surdo [...]” “Minha mãe [...] teve uma infecção nos ouvidos que, quando sarou, perdeu a audição.”
Causas da surdez	“Meu pai ficou surdo porque minha avó teve rubéola na gravidez, que deixou ele surdo.” “[...] minha mãe, com dois... três anos de idade, teve uma infecção nos ouvidos que, quando sarou, perdeu a audição.” “[...] tive uma infecção grave nos rins, me levaram no médico e me trataram com muitos medicamentos e quando a infecção passou eu acabei ficando surdo.”

Oralismo	“Antigamente, minha mãe vivia tentando oralizar , porque naquela época era meio proibido sinalizar e todo mundo era obrigado a oralizar .”
Bilinguismo	“Minha mãe continuou usando de estratégias para eu aprender Libras e português junto.” “Assim, ela me incentivava a ser bilíngue nas duas línguas.” “Eu, aprendendo a língua portuguesa, consigo entrar no mundo dos ouvintes...” “[...] com a língua de sinais, eu posso me comunicar com a comunidade surda [...]”
Identidade surda	“Eu sou usuário de aparelho auditivo, sou oralizado e sinalizante.” “Eu tinha doze anos de idade, foi quando eu comecei a entender as barreiras na sociedade.”

Fonte: Elaboração própria

Família surda e causas da surdez

No nível discursivo, a figura da família surda tematiza a transmissão natural da cultura surda dentro do lar, conforme descreve Strobel (2008). A autora aponta que o ambiente familiar composto por surdos pode ser considerado um artefato cultural, pois possibilita que a criança surda tenha acesso à língua de sinais e aos valores da comunidade desde a primeira infância, em situações cotidianas como refeições e visitas. Nas palavras da autora: “Assim, as crianças surdas visualizam, recebem informações, categorizam, guardam e dão sentido a isto” (Strobel, 2008, p. 53). No caso de Gabriel Isaac, observa-se essa imersão desde cedo, tanto no ambiente familiar quanto na participação ativa na comunidade surda, o que lhe permitiu adquirir hábitos culturais surdos, como o uso naturalizado da língua de sinais.

De outro ponto de vista, no nível narrativo, Gabriel Isaac pode ser analisado sob duas perspectivas: ora como sujeito da narrativa, que compartilha sua trajetória, ora como destinador, ao buscar influenciar seu público a compreender as particularidades de sua história familiar e a refletir sobre a surdez sob outra ótica.

Logo no início do texto, ele como destinador quer levar seus seguidores a crer que, apesar de parecer, sua surdez não é hereditária. Ele começa falando que não é o único surdo da família. “Eu não sou o único surdo da família, sou o terceiro, mas quem são os outros dois? Além de mim, tem minha mãe e meu pai também” (Por que sou [...], 2020, 0 min e 30 s).

É muito comum o nascimento de crianças surdas em famílias ouvintes, mas nesse caso seu pai e sua mãe também são surdos. A curiosidade destacada vem com a surpresa sobre a sua surdez não ser genética, apesar de parecer. O pai de Gabriel Isaac ficou surdo, pois sua mãe, a avó de Gabriel, ficou doente na gravidez; por sua vez, a mãe do *youtuber* ficou surda após os dois ou três anos de idade devido a uma infecção. Ele nasceu ouvinte, no entanto, sofreu uma infecção quando era bebê que também o deixou surdo.

Gabriel entra como sujeito que está em conjunção com seu objeto-valor, que é conhecer a história de vida que ele irá compartilhar com seus destinatários – as “vozes” que o levaram a esclarecer sua condição e/ou seus seguidores – para haver uma transformação destes. Assim sendo, os destinadores que levam Gabriel a falar entenderam que Gabriel é surdo, seus pais são surdos, mas não era algo comum na família, apenas ocorreram trajetórias que os levaram à surdez.

Não apenas isso, o sujeito também quer detalhar como foi sua aquisição de língua sendo surdo e onde está inserido seu pertencimento, ou seja, sua identidade. Pressupõe que quem lhe pergunta como ficou surdo tem curiosidade sobre o mundo surdo. Logo, o enunciador abre um convite para compartilhar mais sobre essa comunidade, manipulando seu público por meio da persuasão, ao manifestar os aspectos positivos de conhecer o universo da surdez. Além disso, opera uma estratégia de sedução, ao sugerir que, ao continuar assistindo aos vídeos, os destinatários estarão mais próximos de interagir com a comunidade surda, recebendo em troca conhecimento, pertencimento e acesso a uma nova perspectiva cultural – uma forma de proposta de recompensa simbólica. Como colocado por ele:

Se você quer conhecer mais sobre esse mundo sem sons e das línguas de sinais, quer conhecer mais e interagir com a comunidade surda, seja bem-vindo ao canal Isflocos, aqui a gente trabalha com vários temas da comunidade surda, a gente fala sobre história, as lutas, sobre Libras e várias outras coisas, espalhando mais respeito, mais amor e mais união (Por que sou [...], 2020, 3 min 37 s).

Ainda dentro dessa lógica sedutora, o sujeito também oferece sugestões de novos vídeos, desejando que seu público continue consumindo o conteúdo do canal. Com isso, conduz seus seguidores a conhecer mais sobre a cultura surda, seus artefatos e as barreiras enfrentadas por pessoas surdas em uma sociedade majoritariamente ouvinte.

Outro ponto importante da narrativa é a transformação do sujeito; esse momento Gabriel leva a entender que, por nascer em família surda, ter adquirido a Libras como sua primeira língua e conviver em comunidades surdas, o sujeito ainda não tinha entrado em conjunção com a comunidade ouvinte de uma forma mais perceptível, ou seja, Gabriel não tinha sentido ainda sua diferença no meio ouvinte até seus doze anos, pois até então sempre se encontrou em conjunção na sua comunidade surda.

A partir dos doze anos, o enunciador entendeu suas diferenças e as barreiras, não de ser surdo, mas de a sociedade não saber lidar com a surdez, conforme mencionado no trecho: “[...] esse foi o primeiro vídeo que postei no canal. Eu tinha doze anos de idade, foi quando eu comecei a entender as barreiras na sociedade. Assistam para conhecer mais, tá bom?” (Por que sou [...], 2020, 4 min12 s).

Esse trecho marca simbolicamente o início de sua consciência crítica – não da surdez em si, mas da exclusão estrutural produzida pela sociedade ouvinte. A partir desse ponto, Gabriel transforma-se em um sujeito que articula saber e poder, posicionando-se como ciberativista: alguém que mobiliza redes digitais para promover visibilidade, educar e gerar mudanças de percepção sobre a surdez.

Gabriel, assim como outros membros da comunidade surda, só sente a necessidade de explicar sua condição quando se vê diante de destinatários que desconhecem a cultura surda. Nesse momento, o ato de narrar deixa de ser apenas pessoal e passa a ser político: é a resposta a uma sociedade que o posiciona como diferente e que precisa ser educada para lidar com a diferença.

O artefato linguístico – Línguas: primeira língua, bilinguismo, monolinguismo

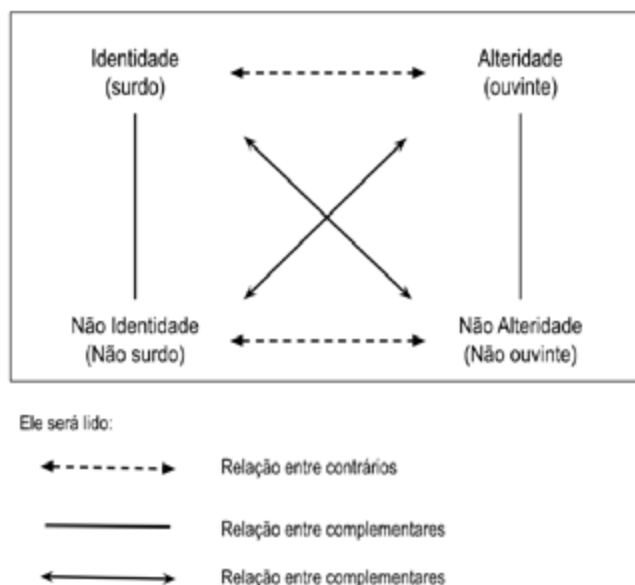
O enunciador Gabriel Isaac retorna, em outro ponto do vídeo, à tematização de sua primeira língua e do bilinguismo em sua trajetória linguística. Ele afirma que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é sua língua materna, aprendida desde cedo no contexto familiar, já que seus pais são surdos e, conforme o próprio relata, se conheceram na comunidade surda – o que sugere sua participação em grupos culturais surdos. O enunciador ainda faz uma brincadeira dizendo que aprendeu a sinalizar dentro da barriga da mãe. Essa afirmação simbólica, embora metafórica, reforça sua vinculação afetiva e identitária com a Libras.

Segundo Strobel (2008, p. 44), “a língua de sinais é um aspecto fundamental da cultura surda”. Ela é considerada um artefato linguístico que traz uma das principais marcas do povo surdo, pois sua forma de se expressar e de comunicar é que leva o surdo a um conhecimento de mundo, bem como à construção de identidade do sujeito. Tendo esse sujeito dentro de si características das identidades fragmentadas (Hall, 2006), já que o próprio *youtuber* também se diz: sinalizante, oralizado (alfabetizado na língua portuguesa escrita) e usuário de aparelho auditivo, sendo marcas de identidade surda expressadas por Perlin (2016, p. 63), como o tipo de identidade criado em “um espaço cultural visual dentro de um espaço cultural diverso”.

Identidade e Alteridade: uma oposição fundamental

Uma oposição que permeia todo o discurso do Gabriel – portanto estando no que a semiótica chama de seu nível fundamental – é a ideia de pertencer *versus* não pertencer a um grupo. As reiteradas afirmações sobre sua identidade – “sou surdo”, “sou sinalizante”, “esta é minha primeira língua” – funcionam como estratégias de afirmação de pertencimento ao grupo surdo, em contraste com a alteridade representada pelo mundo ouvinte.

Figura 1. Quadrado Semiótico Identidade vs. Alteridade



Fonte: Elaboração própria

Essa figura mostra-nos que o sujeito está em conjunção com sua identidade e cultura surdas, reconhece que há diferenças entre surdos e ouvintes e que há alteridade. O enunciador entra com uma conclusão sobre os mundos de surdos e ouvintes e de como estão claramente divididos entre as línguas oralizadas (faladas oralmente e/ou escritas) e as línguas visuais – no caso desse destinador, entre a língua portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais. Essa necessidade de assegurar sua identidade, o “sou surdo”, mas também o “sou oralizado” foi sendo justificada pelo seu ambiente de criação, já que o enunciador traz a história de sua mãe para explicar como se tornou bilíngue tendo pais surdos e convivendo na comunidade surda.

A mãe como sujeito narrativo e sua trajetória linguística

Orientamo-nos, assim, ao próximo sujeito narrativo, que é a mãe do Gabriel Isaac. Até os quinze anos de idade, a mãe do Gabriel estava em disjunção com a língua de sinais,

experiência marcada por dificuldades, conforme o trecho: “Se meu filho for surdo, eu não quero que ele sofra as mesmas dificuldades que eu” (Por que sou [...], 2020, 2 min 8 s). Esse enunciado revela uma disforia ligada à experiência de oralização forçada.

Nesse contexto, a mãe pode ser compreendida como uma destinatária, já que respondia à manipulação de outro destinador: a sociedade ouvinte que não aceitava a língua de sinais. Esse momento pode ser observado no trecho: “Antigamente, minha mãe vivia tentando oralizar, porque naquela época era meio proibido sinalizar e todo mundo era obrigado a oralizar” (Por que sou [...], 2020, 1 min 32 s). Contudo, a partir dos 15 anos, ela passa por uma transformação: entra em conjunção com a língua de sinais, que adquire com naturalidade e que passa a representar um objeto-valor euforizado.

Diferente de sua trajetória, ela manipula o filho a desenvolver um percurso diferente. Como destinadora, incentiva Gabriel a aprender tanto a Libras quanto a língua portuguesa, como mostra o trecho: Ela escrevia o nome nas coisas e nos móveis e me perguntava: ‘Qual o sinal disso?’, ‘E qual o nome disso?’. E eu respondia, e assim ela me incentivava a ser bilíngue” (Por que sou [...], 2020, 3 min 4 s).

A oralização torna-se opcional ao surdo não necessariamente por estar inserida dentro do dia a dia dos surdos, o que está, mas por pessoas surdas estarem escolhendo querer aprender a oralizar, mas não de uma forma imposta e, sim, por escolha própria do surdo. Nem todos os surdos sabem ou querem fazer leitura labial, nem todos sabem ou querem oralizar. Entretanto, isso deve ser a escolha da pessoa surda e esta deve ser respeitada.

A mãe do Gabriel fez-saber ao seu filho como conviver nesses “dois mundos”, como utilizar as duas línguas, manipulando-o a aprender ambas as línguas, e dando-lhe as competências para desenvolvê-las. Essa manipulação foi aceita pelo sujeito figurativizado por Gabriel Isaac, ocorrendo assim a *performance*, pois houve uma transformação nesse sujeito que se tornou bilíngue, alcançando sua recompensa (durante a sanção) de poder se comunicar no meio ouvinte e no meio surdo, como ele afirma no excerto a seguir:

Existe o mundo dos surdos e o mundo dos ouvintes, isso quer dizer que eu, aprendendo a língua portuguesa, consigo entrar no mundo dos ouvintes e na sociedade em geral, que é bem grande. E com a língua de sinais, que é minha primeira língua, eu posso me comunicar com a comunidade surda, minha língua natural (Por que sou [...], 2020, 3 min 16 s).

Tomando o gancho sobre esses dois mundos e duas línguas, destacamos aqui o tema do bilinguismo abordado durante o texto. O bilinguismo é a coexistência de dois sistemas linguísticos em um indivíduo ou em um grupo. O bilinguismo surdo é uma das conquistas

da comunidade surda, uma vez que se tem a língua de sinais como a língua natural da pessoa surda. Capovilla (2000, p. 109) define o bilinguismo surdo como:

No bilinguismo, o objetivo é levar o surdo a desenvolver habilidades em sua língua primária de sinais e secundária escrita. Tais habilidades incluem compreender e sinalizar fluentemente em sua língua de sinais, e ler e escrever fluentemente o idioma do país ou cultura em que ele vive.

A língua de sinais e a língua oral escrita são modalidades de línguas diferentes. Existem hoje em dia escritas de línguas de sinais, no entanto, o bilinguismo conceituado pela lei brasileira (Decreto nº 5.626/2005) é que os alunos surdos adquiram a língua brasileira de sinais (Libras) e depois a língua da comunidade majoritária ouvinte em sua modalidade escrita (Língua Portuguesa). Das pesquisas mais antigas às mais recentes, reforça-se a importância de a criança surda aprender de forma natural a língua de sinais e, após ter uma base linguística, aprender a segunda língua, que foi o método de aprendizado usado para ensinar o Gabriel. O bilinguismo é uma das vertentes mais fortes para a educação de surdos (Sá, 2011).

Ainda antes da legislação oficial, a FENEIS, no V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue para Surdos (1999), já defendia o direito à educação na língua de sinais e à aprendizagem de outras línguas mediadas por ela. Esse posicionamento faz parte da militância surda, como reforça Dalcin (2009), ao afirmar que o bilinguismo é um instrumento de resistência e afirmação identitária.

Essa resistência é divulgada nas redes sociais para exposição e conhecimento sobre o bilinguismo surdo e como os surdos são capazes de ler e escrever em outras línguas desde que tenham a aquisição de sua primeira língua naturalmente, isto é, a língua de sinais. Também faz parte como o surdo reproduz esse bilinguismo nas redes, sinalizando em vídeos, legendando-os ou colocando um áudio interpretando sua fala para ampliar seus números de visualizações, conferindo acessibilidade a seguidores ouvintes não fluentes em Libras, tentando abarcar o máximo do público possível. Como mencionado por Pinheiro (2012, p. 37), “o aparecimento da legenda constitui uma estratégia de negociação de sentidos culturais, tornando o conteúdo acessível a ouvintes não fluentes em LIBRAS”.

Monolinguismo e bilinguismo tardio

Teremos também, em oposição ao bilinguismo, o monolinguismo, que é a condição da pessoa conhecedora de apenas um sistema linguístico, vivido pela mãe do Gabriel Isaac na tentativa de oralizar, e o bilinguismo tardio, que ela desenvolve após adentrar a comunidade surda. Nesse âmbito, temos três momentos no texto no nível discursivo que podemos destacar no Quadro 2, a seguir.

Quadro 2. Três momentos do nível discursivo

Monolíngue	Bilinguismo tardio	Bilinguismo precoce
"A minha mãe só começou a adquirir Libras com quinze anos."	"Quando ela aprendeu Libras foi muito natural, foi a primeira língua."	"Libras virou minha língua materna, mas minha mãe continuou usando de estratégias para eu aprender Libras e português junto."
"Antigamente, minha mãe vivia tentando oralizar."	"[...] conhecer as palavras através dos sinais, e antes disso ela cresceu sem conhecer nada dessas coisas [...]"	"[...] ela me incentivava a ser bilíngue nas duas línguas."
"Às vezes quando me perguntam onde eu aprendi a sinalizar, brinco e digo que foi dentro da barriga da minha mãe; "Como assim menino?". Eu ficava olhando pelo umbigo dela, ela conversando em Libras com as pessoas, por isso eu já nasci sinalizando."		

Fonte: Elaboração própria, a partir de Por que sou [...] (2020)

A opressão para realização do oralismo ainda é resquício das decisões tomadas no Congresso de Milão, onde ocorreu a proibição da língua de sinais e sua proliferação. O caso de bilinguismo tardio, chamado assim, pois a aquisição da segunda língua ocorreu após a infância, evoca o conceito de identidade definido por Perlin (2016) como identidades em transição. Estas se dão quando surdos são mantidos reclusos dentro da experiência ouvinte até conhecerem a comunidade surda e, então, começam a reconstruir sua identidade a partir da convivência com outros surdos. Não que não houvesse uma identidade formada na mãe do Gabriel Isaac até seus quinze anos, mas essa identidade se transformou e se modificou ao adentrar na comunidade surda (Strobel, 2008).

Esse contexto é diferente do de seu filho Gabriel Isaac que, embora tenha nascido ouvinte, se reconhece como surdo desde os primeiros anos de vida, em razão da convivência direta com seus pais surdos, usuários da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Sua autodeclaração evidencia essa construção identitária: "Às vezes, quando me perguntam onde eu aprendi a sinalizar, brinco e digo que foi dentro da barriga da minha mãe [...]" (Por que sou [...], 2020, 2 min 25 s).

Esse relato revela a centralidade do bilinguismo no processo de constituição identitária e de desenvolvimento linguístico da pessoa surda, evidenciando uma das principais bandeiras de luta da comunidade surda. Além disso, acredita-se que esse processo fortalece a autoestima do sujeito surdo e contribui para uma educação mais equitativa (Machado, 2006). O bilinguismo real e inclusivo ainda não chegou ao seu ápice na educação de surdos. Ainda não se sabe exatamente o efeito disso, mas acredita-se que esse processo é um enorme ponto de partida para que os surdos se tornem protagonistas, debatendo em plano de igualdade o que seria melhor para todos (Sanches, 1990 *apud* Machado, 2006).

O que sabemos é que Gabriel vivenciou um aprendizado precoce da língua portuguesa, juntamente com a aquisição da língua de sinais, pois a presença de mais de uma língua faz parte da identidade surda. Pessoas surdas, mesmo em contato com a comunidade surda, não conseguem se isolar completamente da cultura ouvinte, da língua oralizada e/ou escrita, sendo, portanto, necessário apropriar-se desses códigos e símbolos. Assim, Gabriel tornou-se capaz de transitar entre os dois mundos por ter acesso às duas línguas.

Conclusão

Esta análise procurou compreender como a cultura surda e os artefatos culturais surdos foram manifestados e reproduzidos no discurso do *youtuber* surdo Gabriel Isaac, vídeo titulado: “Por que sou surdo?”. Aplicando o arcabouço teórico-metodológico da semiótica greimasiana (Greimas; Courtés, 2020), da qual utilizamos as categorias do percurso gerativo do sentindo.

O texto aborda diversos artefatos culturais relacionados à comunidade surda, como o bilinguismo, a surdez não hereditária e a experiência de navegação entre os mundos dos surdos e dos ouvintes. Gabriel, o protagonista mencionado, é um sujeito surdo que cresceu em uma família surda, embora seus pais não tenham herança genética da surdez. Ele desenvolveu sua identidade a partir de sua vivência na comunidade surda e, mesmo com essa inserção desde cedo, enfrentou desafios semelhantes aos de sua mãe, especialmente devido à falta de aceitação da língua de sinais pela sociedade na época.

O texto também discute a experiência educacional de Gabriel, que se tornou bilíngue ao navegar entre os dois mundos. Através dessa vivência, compreende-se melhor a manifestação cultural surda em plataformas digitais, como o YouTube, onde surdos compartilham suas identidades e perspectivas.

O vídeo busca apresentar a cultura surda de forma divertida e convidativa, para pessoas ouvintes ou não conhecedoras da cultura surda a se aproximar da comunidade, para juntos construirmos novas gerações melhores e mais inclusivas.

Agradecimentos

Primeiramente aos canais de *Youtubers* surdos, neste trabalho especialmente ao canal Isflocos pela permissão de investigar academicamente seus vídeos, bem como as agências de fomento CAPES, CNPq e a Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Também um grandíssimo obrigado a professora Dra. Dayane Celestino de Almeida, que incentivou e orientou a divulgação desse trabalho para a comemoração do 70º Seminário do GEL.

Referências

BARROS, D. L. P. Estudos do discurso. In: FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à Linguística 2: princípios de análises*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2010a.

BARROS, D. L. P. *Teoria semiótica do texto*. 4. ed. São Paulo: Parma, 2005.

BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Tradução Grupo CASA. Bauru: EDUSC, 2003.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 19.426, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Presidência da República, [2005]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 23 maio 2024.

CAPOVILLA, F. Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 6, n.1, p. 99-116, 2000.

DALCIN, G. Psicologia da educação de Surdos. Apostila usada na Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura em Letras: Libras, 2009.

FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS – FENEIS. A educação que nós surdos queremos. Portal Feneis [on-line], 2018. Disponível em: https://issuu.com/feneisbr/docs/documento_a_educacao_que_nos_surdos Acesso em: 23 maio 2024.

FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

FIORIN, J. L. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MACHADO, P. C. Integração / Inclusão na escola regular: um olhar do egresso surdo. In: QUADROS, R. M. (org.). *Estudos surdos I*. Petrópolis: Arara Azul, 2006. p. 38-75.

PERLIN, G. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (org.). *A Surdez*. Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 51-74.

PERLIN, G.; STROBEL, K. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 14, p. 17-31, 2014.

PINHEIRO, D. *YouTube como pedagogia cultural*: espaço de produção, circulação e consumo de cultura surda. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

PINHEIRO, D; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. Produções culturais surdas no YouTube: estratégias de negociação e consumo de identidades. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 21, p. 121-153, 2013

Por que sou surdo? [S. l.: s. n.], 6 nov. 2020. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Isflocos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JD1P9HiWUa4>. Acesso em: 23 setembro 2024.

SÁ, N. R. L. Aulas de música em classes de/com surdos? In: SÁ, N. R. L. *Surdo: qual escola?* 22. ed. Manaus: Valer e Edua, 2011. p. 243-252.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.